

O ENSINO DA GEOGRAFIA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE CRICIÚMA

Juliana Alexandre Ferreiraⁱ

Vilisa Rudenco Gomesⁱⁱ

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida com uma das turmas do Ensino Médio do Centro de Educação de Jovens e Adultos, na cidade de Criciúma - SC. Teve como foco compreender a proposta da Geografia na EJA e como ela vem sendo trabalhada na perspectiva do educando da EJA. Esta modalidade de ensino acolhe uma parcela da sociedade já em fase adulta que por diversos motivos não concluíram os estudos na idade regular, a EJA necessita de uma metodologia de ensino que se conecte com a vida cotidiana de seus sujeitos. A Geografia, enquanto disciplina curricular pode levar o educando a construção do pensamento crítico, através da reflexão do conhecimento científico, proporcionando uma libertação intelectual através de uma renovação no processo de ensino aprendizagem. Devemos considerar que os educandos da EJA são sujeitos repletos de histórias, são pais e mães de famílias, são trabalhadores, membros de uma comunidade, por isso, a escola necessita ter um currículo especial para este individuo que procura ampliar seus horizontes em busca de melhor qualidade de vida. A pesquisa assumiu uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizou como fonte de informação um questionário com perguntas abertas e fechadas, distribuídos entre os 13 educandos o qual suscitou em um relatório compreendido a partir da concepção da Geografia Crítica, da proposta freireana de educação, gerando um relatório com as informações obtidas.

Palavras-chave: Geografia. EJA. Pensamento Crítico. Sujeito.

Introdução

Pensar a educação é refletir sobre os saberes científicos, filosóficos e pedagógicos. Assim, ir além desses saberes para compreender as reais condições do sujeito que procura a Educação de Jovens e Adultos - EJA é compreender a formação de jovens e adultos e inseri-los novamente em âmbito escolar. Este processo é um processo significativo que vem acompanhado de um grande desafio, o de compreender como fazer que o conhecimento escolar fosse problematizado para ter significado real na vida dos sujeitos EJA.

A escola pode ser um importante espaço de transformações sociais, porém, para que estas aconteçam, precisamos ter presente informações concretas sobre a construção do

conhecimento crítico e como a Geografia pode contribuir para a formação do sujeito crítico e reflexivo, atuante na sociedade.

A Geografia, por ser uma ciência responsável pela compreensão das transformações espaciais e sociais, procura identificar e diagnosticar as consequências da ação humana no espaço, com os problemas urbanos e ambientais que o mundo vivencia.

Enquanto disciplina escolar, a Geografia prioriza o trabalho coletivo e interdisciplinar, porque entende que o conhecimento não pode ser fragmentado, pois precisamos conhecer o todo para construirmos conceitos que nos ajudem a entender a sociedade da qual fazemos parte. Por isso, o ensino de Geografia não se restringe ao ambiente escolar formal, mas sobretudo, a ampliação da área de atuação do educador, como um campo vasto para trabalhar os diversos setores sociais. Pois as disciplinas escolares necessitam abranger as experiências de aprendizagens direcionadas pelas unidades escolares apresentada no Projeto Político Pedagógico, dando ênfase para as vivências dos estudantes, pois são neles que encontramos os conteúdos que deverão ser abordados no processo de ensino-aprendizagem e a metodologia utilizada para os diferentes níveis de ensino.

Na Educação de Jovens e Adultos – EJA, a disciplina de Geografia desempenha também um papel social, proporcionando a conscientização do educando no mundo do trabalho, estimulando o potencial de cada sujeito, ajudando a construir seu próprio conhecimento, onde o papel do o conhecimento científico é importante para a compreensão das mudanças do quadro social e econômico, tanto no panorama histórico nacional como internacional, possibilitando a reflexão de uma sociedade justa.

O desafio aqui colocado é, portanto, compreender como Geografia pode contribuir para a formação do sujeito crítico e reflexivo dentro da perspectiva de ensino aprendizagem da EJA, uma vez que a educação formal nos leva questionar se estamos preparando o educando para as resoluções das situações no seu cotidiano.

Assim, este trabalho busca conhecer a EJA e o sujeito da EJA; Investigar como se forma o conhecimento crítico na perspectiva freireana; Compreender a proposta da Geografia na EJA e como ela vem sendo trabalhada na perspectiva do educando da EJA.

A presente pesquisa apresenta-se como descritiva de cunho qualitativo, realizada com investigação empírica, que teve como recurso metodológico um questionário para compreensão da visão dos sujeitos sobre a proposta da Geografia na Educação de Jovens e Adultos – EJA, o qual suscitou em um relatório compreendido a partir da concepção crítica da Geografia e da proposta freireana de educação.

A Educação de Jovens e Adultos - EJA e seus sujeitos

A educação formal tem como um de seus objetivos proporcionar um amplo desenvolvimento das condições intelectuais do ser humano. As relações cognitivas que levam a construção do pensamento crítico no ambiente escolar devem estar associadas ao processo de ensino aprendizagem que resulte na formação do cidadão ativo na sociedade, que compreende as questões sociais e naturais de forma integrada.

A educação de Jovens e Adultos – EJA visa promover a continuidade dos estudos para uma parcela da sociedade que por diversos motivos deixaram de frequentar a escola na idade regular. Com o objetivo de incluir esta população no sistema educacional, a LDB vem assegurar de forma explícita esta modalidade de ensino em seu artigo 37: “ A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. (BRASIL, 1996, Art. 37).

A formalização da educação de jovens e adultos dentro do contexto brasileiro nasce de uma necessidade da sociedade, identificado como um problema social surge espaço para pensar uma forma de erradicar o analfabetismo, com uma política focada para solucionar esta problemática social, visando assegurar uma proposta de educação inclusiva que resgate o cidadão em busca de seu reconhecimento social, recuperando sua autoestima.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos começa a ocupar um espaço significativo quando é reconhecida como uma modalidade de ensino e não somente como uma medida paliativa para mascarar um grande problema social. No documento Base do PROEJA (BRASIL, 2007), encontramos a característica desta modalidade visando promover a cidadania, a inclusão social e a integração de trabalho, evidenciando um processo formativo e emancipatório.

O Programa de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA foi constituído em 13 de julho de 2006 por meio do Decreto nº5840, visando consolidar-se como parte de uma política de inclusão social e emancipatória em nível federal.

Começou a tomar forma em 24 de junho de 2005, com o Decreto nº 5478, sendo o PROEJA, um programa que tem como objetivo aumentar a escolaridade e a qualificação profissional de jovens e adultos e procurar garantir uma educação pública, gratuita e de qualidade.

No § 2º, Artigo 17, da Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010 é assegurado ao educando:

[...] a interdisciplinaridade e a contextualização devem assegurar a transversalidade do conhecimento de diferentes disciplinas e eixos temáticos, perpassando todo o currículo e propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento.

Quando falamos do educando da EJA, tratamos diretamente com a diversidade, a subjetividade e a identidade de sujeitos que trazem saberes empíricos, uma vez, que estão inseridos no mercado de trabalho, que são membros de uma família repleta de hábitos culturais que buscam nesta modalidade de ensino a formação da cidadania e a autonomia como sujeito social.

Para estes sujeitos retornarem à escola, somente a força de vontade não é suficiente, pois a jornada é pesada, os educandos da Educação de jovens e adultos são mães, pais, trabalhadores, filhos, filhas e outras atividades mais que agregam à suas vidas, mas que tentam encaixar neste mosaico da vida real, seus estudos, as provas, as tarefas, os trabalhos, as aulas e as saídas diárias depois do expediente de trabalho para as salas de aula.

Assim, faz-se necessário estruturar esta modalidade, atendendo as especificidades desse público, principalmente na elaboração do currículo próprio para a Educação de Jovens e Adultos, uma vez, que não podemos adotar a mesma metodologia do ensino regular nesta modalidade, o sujeito da EJA procura um sentido diferente nos estudos, busca a inserção no mundo socioeconômico, uma visão que possibilite uma atual leitura de mundo oportunizando uma relação social completa.

Diante desta peculiaridade dos sujeitos da EJA, Cury nos apresenta uma reflexão sobre esta modalidade:

A EJA representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a ela e nem domínio da leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. (CURY, 2000, p. 5).

É importante salientar que muitos jovens e adultos retornam à escola pela dificuldade de se manterem no mercado de trabalho, pois este se apresenta cada vez mais competitivo e visa melhores profissionais.

No contexto educacional, o conhecimento não é abstrato ou afastado da realidade social, econômica ou política, ele é parte indissolúvel da realidade, assim, a educação precisa levar o educando ao desenvolvimento do pensamento crítico e este ocorre quando o educador possibilita ao educando a tomada de consciência acerca da existência do problema e por meio

da dialética, ação, reflexão e ação, propõe o diálogo entre os sujeitos envolvidos, estabelecendo neste processo a transformação real da atuação do sujeito na sociedade.

O ensino de Geografia

A Geografia se consolidou como disciplina escolar com o objetivo de contribuir para a formação do cidadão, porém, quando o docente trabalha na perspectiva ideológica de mera transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios, com a memorização apenas das características físicas, ele acaba por reduzir a disciplina à algo sem muito sentido, uma vez que esta não está contextualizada nas percepções e nas vivências dos sujeitos da EJA.

Nesse sentido, ocorre então a necessidade de uma ruptura com a Geografia tradicional, abrindo-se para a proposta que surge por meio do movimento da Geografia crítica, que se mostra com uma:

Didática Crítico- social, o ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos, e métodos de ensino. Neste sentido, os objetivos sóciopolíticos e pedagógicos gerais do ensino e os objetivos específicos da Geografia é que orientam a seleção e organização de conteúdos para uma situação de ensino. (CAVALCANTI, 1998, p. 25)

Santos (1995) aborda o tema entre o conteúdo e objetivo no ensino da Geografia, percebendo a importância de direcionar a reflexão dos objetivos, criando uma maneira de pensar dialética, de forma mais abrangente e crítica:

A dialética é fundamental, quando estamos nos referindo ao processo escolar de ensino-aprendizagem, mesmo que possa e deva se expressar na formulação dos conteúdos, não está exclusivamente neste, mas vai além e se concretiza na identificação das carências (formulação das questões) e na busca de soluções (formulação de respostas) (...) a relação escolar, na medida em que se fundamenta no ensino da lógica formal, mais do que passar este ou aquele conteúdo fragmentado – isento de contradições – permite ao educando apropriar-se de perguntas e respostas prontas, enquanto o processo de dialética do ensino não é, simplesmente, reprodução de textos elaborados a partir desse tipo de lógica, mas, mais que isso, é a possibilidade de viver a contradição imanente entre a necessidade e a sua superação, no plano da construção intelectual. (SANTOS, 1995, p. 56)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs ao considerar a Geografia como uma ciência social, indica o seu objeto de estudo como sendo a sociedade e traz a relação entre os processos históricos que regulam a formação da sociedade e os funcionamentos naturais.

Assim, o ensino da Geografia proposto no PCN para a Educação de Jovens e Adultos, mostra que o educando deve, além de dominar os conhecimentos geográficos, precisa ainda conhecer a história do pensamento geográfico e suas contradições sociais, políticas e econômicas.

A Geografia é uma ciência dinâmica, cujo papel social é muito significativo, uma vez que suas ferramentas possibilitam a compreensão do espaço e da sociedade. Assim, utilizar as situações reais, as experiências e aos conhecimentos prévios do educando pode ser determinante para a aprendizagem significativa.

O ensino de Geografia na EJA não deve se limitar a memorização de nomes, fenômenos e fatos, mas levar o educando a uma compreensão crítica de mundo, como relata Castrogiovanni (2007, p.42): “nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]”. Assim, percebemos que a Geografia está em constante movimento e tem um papel social com o educando da EJA, pois a subjetividade embutida na relação com as emoções forma a compreensão do indivíduo e a sua necessidade de entender seu contexto social.

A educação deve levar o educando a pensar dialeticamente, sendo necessária a relação dos conceitos cotidianos com os científicos. Concretizando o pensamento crítico abstraído da realidade vivenciada, que resultará numa formação integral do sujeito que reconhece que sua história faz parte do processo educativo, buscando sua participação na sociedade.

Neste contexto, a realidade social não pode mais ser explicada com base em paradigmas, categorias e conceitos já construídos, sem uma reconstrução crítica destes. Na realidade social atual (global), os meios de vida ganharam novos significados, assim como suas formas de expressão: o indivíduo, o grupo, a sociedade, as classes, a cidadania, a nação, a história, a tradição, a língua, o mercado e o espaço geográfico. Exige-se, com isso, uma outra lógica na produção de conhecimento, para que se possa entender o significado dessas formas de expressão (CAVALCANTI, 1998, p.119)

Entretanto, atender o público da EJA, é respeitar seus direitos, valorizar suas vivências e tratá-los como estudantes trabalhadores, que organizam sua vida financeira, educam seus filhos, que participam da vida política da sociedade e buscam um novo reconhecimento social. Retomar os estudos após uma trajetória de vida é redefinir os questionamentos sociais do mundo moderno.

Na EJA é importante trabalhar a Geografia de maneira articulada com a realidade do educando, pois estes jovens ou adultos já possuem um entendimento da realidade social,

cultural e econômica em que estão inseridos. A Geografia, na perspectiva crítica, proporciona aos alunos da EJA uma construção do conhecimento que os façam pensar sobre sua inserção no espaço sociocultural. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, o ensino de Geografia tem que ser:

Um projeto de Geografia destinado aos alunos da EJA, tem que comprometer-se com uma reflexão acurada sobre a realidade, com a compreensão dos processos ocorridos através do tempo, materializados nas diferentes transformações sociais, espaciais e culturais em nível nacional ou mundial. (BRASIL, 1997, p. 251).

Com objetivo capacitar o educando para as relações entre aspectos naturais e humanos, a Ciência Geográfica desenvolvida no ambiente escolar, visa, portanto, mostrar os recursos tecnológicos e sua funcionalidade na aplicação dos seus conhecimentos, nos diversos ambientes de seu relacionamento social como na familiar, na comunidade e no trabalho.

O conhecimento crítico na perspectiva freireana

A atual conjuntura social pede um novo olhar para o âmbito escolar, que necessita de uma reorganização em sua estrutura. Políticas públicas que assegurem a permanência e o aprendizado do educando são ações emergências para tornarmos a instituição escolar um local de superação de desigualdade social.

Os processos educativos devem proporcionar ao educando a possibilidade de ver o mundo de maneira ampla e não mais alienada do que lhe era apresentado antes do processo formativo. Trabalhar com o processo de construção do pensamento crítico é levar o sujeito a adotar uma nova postura de vida, enriquecida com a nova possibilidade de interpretar o mundo e com uma educação,

que o colocasse em diálogo constante como o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. A análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano expressão que o identificasse com métodos e processos científicos. (FREIRE, 1982, p. 90).

O homem com suas ações transforma a natureza, cria e recria seus espaços, mas é necessário o uso consciente de cada ação. Para isso, é preciso conhecer a dinâmica social onde cada sujeito está inserido. Segundo Freire (1998) o ser humano é uma presença no mundo que intervém, transforma, fala do que faz, sonha, constata, avalia e rompe. Aprender não é se adaptar a realidade, mas nela intervir. Assim, levar o educando a uma reflexão do conhecimento científico proporcionado por uma pedagogia crítica é leva-lo a uma libertação intelectual e esta é a função da escola na sociedade:

[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando 'curiosidade epistemológica', sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 2001, p.27).

Freire parte da perspectiva de que o processo crítico do conhecimento está envolvido com o processo de educação de cada sujeito, pois ao saber mais sobre o objeto, passa a ter consciência sobre ele e assim assume uma consciência crítica avançada que o levará a liberdade intelectual.

Enquanto objeto de conhecimento os conteúdos se devem entregar a curiosidade cognoscitiva de professores e alunos. Uns ensinam e ao fazê-lo, aprendem. Outros aprendem e ao fazê-lo, ensinam. (...). O que não é possível, na prática democrática, é o professor ou a professora, sub-repticiamente, ou não, imponha aos seus alunos a sua leitura de mundo (FREIRE, 2009, p. 112).

O educador crítico não deve ocultar suas posições políticas dos educandos, (FREIRE, 2001) levando-os assim a resolver seus próprios conflitos, que surgem durante o processo de ensino aprendizagem, pois a consciência crítica é a sabedoria que emerge da educação, gerada pela interação pedagógica, proporcionada pelo uso do conhecimento científico que resultará no processo emancipatório do homem e sua relação com o mundo.

O conhecimento é um processo crítico e contínuo que se dá a partir do posicionamento ativo do sujeito diante dos acontecimentos sociais. Segundo Paulo Freire é

A partir das relações do homem com a realidade, resultante de estar com ela ou estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiando e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade [...] (FREIRE, 1982, p. 43).

O homem não é um ser isolado, sendo constituído no processo sócio histórico da formação da sociedade. Assim o ato de conhecer é característico de homem que constitui a perspectiva crítica que transforma a realidade.

A educação crítica tem a função de conscientizar e humanizar o educando, inserindo-o no contexto político da sociedade, esta é a proposta pedagógica do pensador Paulo Freire, que teve grande influência na Educação de Jovens e Adultos. Assim, através da educação o sujeito compreender sua posição social e luta por liberdade política.

Apresentação dos resultados

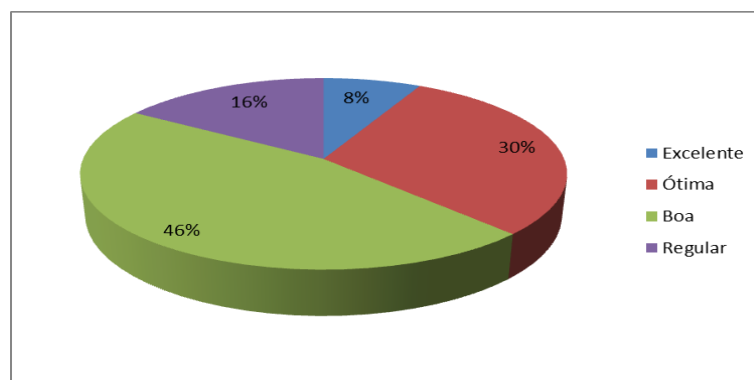
Esta pesquisa de campo foi realizada em busca de uma reflexão sobre o Ensino da Geografia na Educação de Jovens e Adultos. Por ser uma modalidade de ensino que acolhe uma parcela da sociedade já em fase adulta que, por diversos motivos não concluíram os estudos na idade regular, a EJA necessita de uma metodologia de ensino que se conecte com a vida cotidiana de seus sujeitos, especialmente a disciplina de Geografia que pode, através da sua relação com a sociedade, levar o educando a construir uma consciência crítica dos fatos que marcam a história da humanidade.

A pesquisa foi aplicada na turma 61, etapa 1 do ensino médio, no período noturno, composto por 18 estudantes, todos oriundos dos bairros periféricos da cidade de Criciúma e também da cidade de Içara. Todos trabalhadores com idade entre 18 e 51 anos de idade, existindo uma variedade no estado civil: há casados, divorciados, união estável e outros, que ficaram afastados da escola no período de 01 ano a mais de 15 anos, reconhecem na EJA a possibilidade de recuperação do tempo “perdido” e percebem a necessidade de buscar o conhecimento científico, pois o mercado de trabalho solicita qualificação profissional.

Uma das características da turma que chamou atenção é que dos 18 educandos, 12 são do sexo masculino e 06 do sexo feminino, o que nos mostra que ainda é muito difícil para a mulher conseguir manter ou retornar aos estudos, após ser mãe e trabalhadora, pois acrescentar à sua jornada de trabalho mais uma função, necessita muita dedicação, mostrando que para atingir todos os públicos a EJA ainda precisa de uma flexibilidade também no horário.

Abaixo, apresentamos os gráficos que trazem algumas das questões que constituíram o roteiro de perguntas que visavam captar as respostas dos sujeitos sobre o processo de ensino aprendizagem oferecidos aos educandos da turma na disciplina de Geografia.

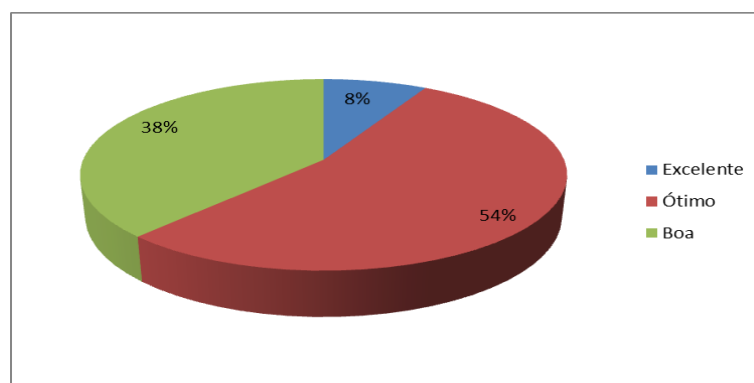
Gráfico 1 – O que você acha das aulas da EJA?



Fonte: Questionário

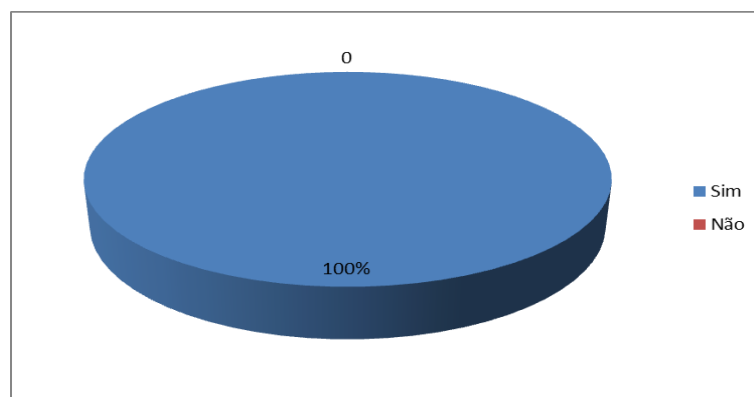
Observando o gráfico-1 e 2, percebemos que educandos estão satisfeitos com as aulas de Geografia, que estão envolvidos como o conteúdo que está sendo apresentado em sala de aula.

Gráfico 2 – Como você classifica as aulas de Geografia?



Fonte: Questionário

Gráfico 3 – Você consegue identificar os temas mais estudados na disciplina de Geografia no seu cotidiano?

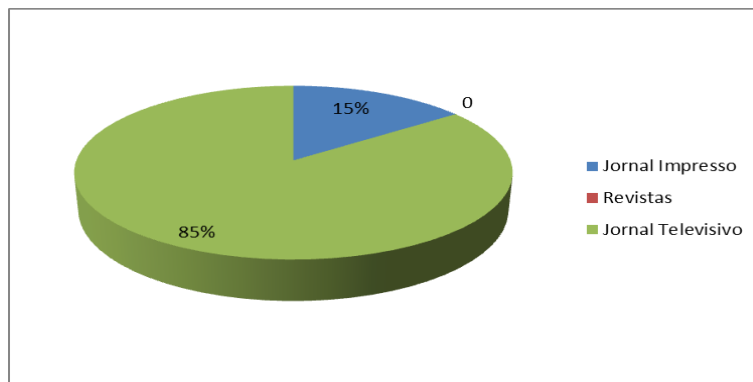


Fonte: Questionário

Ao responderem a questão apresentada no gráfico 3, percebemos que todos os educandos conseguem identificar os conteúdos apresentados nas aulas de Geografia em seu cotidiano, através do que leem nos jornais impressos e assistem nos jornais televisivos, pois são os meios de comunicação dos quais tem acesso diário como está apresentado no gráfico 4. Assim, constatamos que o público da EJA, são pais e mães que são indagados a todo o momento por seus filhos, são jovens e adultos que atuam no mercado de trabalho, que estão

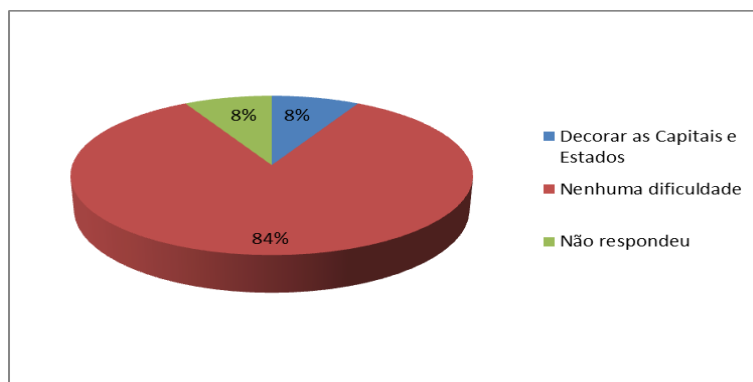
atentos aos acontecimentos da sociedade, se atualizando também através dos meios de comunicação que estão ao seu alcance, assim, buscam informações para compreender o mundo e transformar sua vida.

Gráfico 4 – Qual o meio de comunicação que você tem acesso diário?



Fonte: Questionário

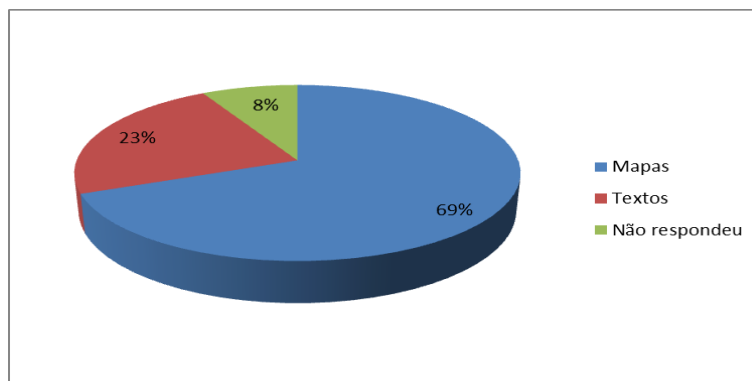
Gráfico 5 – Quais as principais dificuldades que você encontra nas aulas de Geografia?



Fonte: Questionário

No gráfico 5 podemos observar que existe um abismo no ensino de Geografia e que a metodologia adotada pelo professor não atingem a todos, pois alguns educandos não responderam, a maioria relatou que não tem nenhuma dificuldade e outros afirmaram ter dificuldades em memorizar as Capitais e Estados. Percebemos com estes dados, a presença da Geografia Tradicional caracterizada pela memorização dos fenômenos naturais e os aspectos físicos, onde o estudante somente faz uma descrição das áreas estudadas. Os dados aqui apresentados foram espontâneos, pois esta pergunta foi aberta.

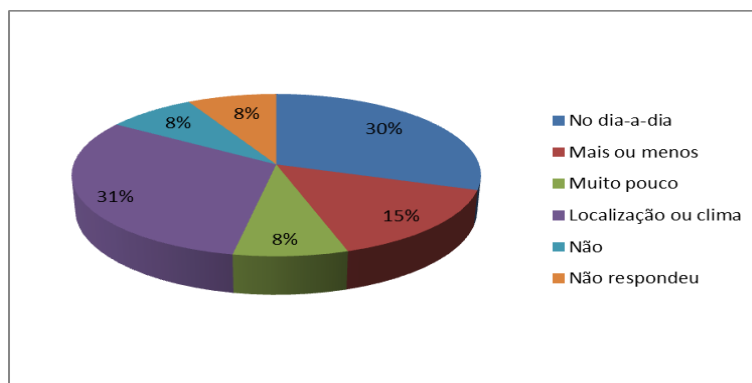
Gráfico 6 – Quais os materiais didáticos mais utilizados pelo seu professor?



Fonte: Questionário

Quanto aos materiais didáticos-pedagógicos, percebemos que há restrições a mapas e textos, estes métodos ajudam o professor a ilustrar os fatos, quando utilizados para estimular a reflexão pedagógica contribui na compreensão dos acontecimentos, porém é preciso expandi-los e contextualizá-los às vivências locais, regionais, nacionais e mundiais.

Gráfico 7 – Você aproveita o que estuda na disciplina de Geografia na sua vida?



Fonte: Questionário

Observamos no gráfico 7, que os educandos não sabem identificar os saberes escolares no seu cotidiano. Quando perguntado se aproveitam o que estudam na disciplina de Geografia na sua vida, todos responderam: Sim, mas como aplica? Muitos ainda não responderam a essa questão. Isto demonstra que os educandos ainda veem a Geografia como uma disciplina extremamente física, que informa a previsão do tempo e ajuda na localização, mas, somente isso.

Contudo, concluímos que há lacunas na formação dos sujeitos, especialmente quanto à construção do pensamento crítico, que deve ser mediado, confrontado e sintetizado por meio de por uma reflexão pessoal, onde a investigação epistemológica é proporcionada pela aprendizagem crítica e culmina na atuação de sujeitos que compreendem o espaço e a sociedade, utilizando o conhecimento para entender as mudanças sociais que ocorrem no mundo.

Considerações Finais

A educação é um direito irrestrito, mas se faz necessário que seja pensada a partir de políticas públicas que visem à reorganização da Educação de Jovens e Adultos, através de investimentos, organização do trabalho e qualificação profissional aos professores, técnicos e funcionários.

A individualidade de cada educando é o resultado de sua história pessoal, que ao longo de sua trajetória escolar será modificada com suas experiências futuras, assim não basta que a EJA esteja ampara por Lei, mas é preciso dar condições efetivas para a realização do processo educacional como um todo.

Por meio da pesquisa aplicada percebemos que a Geografia ainda é apresentada nas escolas numa visão tradicional, voltada para os elementos naturais, deixando o homem fora do contexto sócio cultural, como se sua intervenção com o meio não produzisse uma reação, pois assimilar as relações sociais com interações naturais é aceitar que existe uma comunicação social global, Homem- Meio-Natureza.

Constamos com a pesquisa que para estes educandos tudo está bom, as aulas, a didática, o tempo, a estrutura que a EJA oferece, dessa forma verifica-se que ainda não está sendo apresentada a importância desta disciplina para o seu cotidiano, uma vez que temos muito para refletir dentro de seus diversos conteúdos e precipuamente em relação homem/ natureza que se define através da história da sociedade e sua relação com a construção do espaço geográfico.

A pesquisa demonstrou ainda que os educandos não conseguem identificar que os temas do atual cenário político são temas corretos da Geografia, possuindo uma visão ingênua sem o despertar para a curiosidade epistemológica. Estes sujeitos indicam algumas ideias dos

conteúdos que estudam, mas expressam dificuldades em incorporá-los à vida, isso pode representar despreparo para articular suas ideias, as dificuldades em captar os conhecimentos científicos representados na sociedade, habilidade esta desenvolvida na escola.

Assim, ao aplicarmos o questionário identificamos a necessidade de se implantar uma proposta curricular que não fragmente o conhecimento, mas para isso, precisamos superar a “árvore do conhecimento” em nossas instituições de ensino, onde os mesmos nos são apresentados recortados. Superar estes paradigmas na educação é aceitar que os conhecimentos científicos necessitam caminhar juntos com as experiências vividas pelo educando da EJA, que anseia por uma transformação social.

Para que isso se efetive precisamos inserir uma nova metodologia no processo de educação, precisamos derrubar as barreiras dos compartimentos científicos, romper com a hierarquia das disciplinas, buscando a coerência do trabalho em conjunto, na escola e na sociedade resultando na transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. Brasília. 2013.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LBD 9394,1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 03 mar 2015.

BRASIL. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Conselho Nacional De Educação Câmara De Educação Básica. Ministério Da Educação Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/educadores/Documents/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Vigente/53%20RESOLU%C3%87%C3%83O%20N%C2%BA%204.pdf>. Acesso em 26 abril 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em 03 abril 2015.

CASTROGIOVANNI, A. Carlos; KAECHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**: 16ª ed. Campinas SC: 1998

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Processo nº 2300010000 40/2000-55, parecer CEB nº 11/2000, aprovado em 10 maio de 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja>. Acesso em 08 maio 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade** 13ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: Ensaios/ Paulo Freire**. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

SANTOS, Douglas . **Conteúdo e objetivo pedagógico no ensino da geografia**. Caderno Prudentino de Geografia (17) Presidente Prudente: AGB, jul 1995.

ⁱ Juliana Alexandre Ferreira atuação EEB Joaquim Ramos, graduada em Geografia eebjramos@sed.sc.gov.br.

ⁱⁱ Vilisa Rudenco Gomes, mestre em Educação pela FURB, professora orientadora do curso de Especialização de Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA do Instituto Federal de Santa Catarina.